



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS - IHL MALÊS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES**

MACAULAY PEREIRA BANDEIRA

**EXPERIÊNCIAS CULTURAIS E IDENTITÁRIAS TRANSATLÂNTICAS COMO
NOVAS E POSSÍVEIS ROTAS DE CONSTRUÇÃO DE AÇÕES POLÍTICAS
COLETIVAS ENTRE OS ESTUDANTES AFRO-BRASILEIROS(AS) E
AFRICANOS(AS) DA UNILAB/CAMPUS DOS MALÊS**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2018

MACAULAY PEREIRA BANDEIRA

**EXPERIÊNCIAS CULTURAIS E IDENTITÁRIAS TRANSATLÂNTICAS COMO
NOVAS E POSSÍVEIS ROTAS DE CONSTRUÇÃO DE AÇÕES POLÍTICAS
COLETIVAS ENTRE OS ESTUDANTES AFRO-BRASILEIROS(AS) E
AFRICANOS(AS) DA UNILAB/CAMPUS DOS MALÊS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado Interdisciplinar na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharelado em Humanidades. Orientador: Prof. Dr. Ismael Tcham.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2018

MACAULAY PEREIRA BANDEIRA

**EXPERIÊNCIAS CULTURAIS E IDENTITÁRIAS TRANSATLÂNTICAS COMO
NOVAS E POSSÍVEIS ROTAS DE CONSTRUÇÃO DE AÇÕES POLÍTICAS
COLETIVAS ENTRE OS ESTUDANTES AFRO-BRASILEIROS(AS) E
AFRICANOS(AS) DA UNILAB/CAMPUS DOS MALÊS**

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Bacharelado Interdisciplinar da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharelado em Humanidades. Orientador: Prof. Dr. Ismael Tcham

Aprovado em 25/10/2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ismael Tcham (Orientador)

Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab

Prof. Dr. Ricardo Benedito

Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab

Prof. Dra. Rutte Andrade

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço aos meus ancestrais, pela herança cultural e pela força que me mantém vivo, orgulhoso e resistente. Em segundo lugar, gostaria de agradecer às mulheres pretas que sempre estiveram comigo nessa caminhada até aqui, minha mãe Nicéa Fonseca Pereira, minha irmã Sigourney Pereira, e minha avó Georgete Viana. Obrigado pela proteção, pelas trocas, pelo profundo amor que me revitaliza todos os dias.

Gostaria, também, de agradecer a todos e todas estudantes pretos que compartilharam comigo um olhar, uma conversa, um gesto qualquer que me indicava que nós não resistimos sozinhos a essa realidade hostil. Agradeço aos estudantes pretos como eu pela empatia, pela solidariedade que encontrei em muitos lugares onde nossa existência não era plenamente respeitada devido ao racismo massacrante que pedantemente tenta nos separar.

Por último, gostaria de deixar meus mais profundos agradecimentos ao meu pai Claudionor Viana Bandeira e também meu avô Raimundo Hermogenes Pereira, que eu sei que da onde eles estão lá no Orun, eles olham e guardam por mim e pela minha família aqui no Ayê.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	5
2 PROBLEMATIZAÇÃO.....	7
3 HIPÓTESE.....	10
3.1 OBJETIVOS.....	10
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	10
4 JUSTIFICATIVA.....	11
5 REFERENCIAL TEÓRICO.....	11
6 METODOLOGIA.....	13
7 CRONOGRAMA.....	20
REFERÊNCIAS.....	21

1. INTRODUÇÃO

O contexto a se realizar a investigação consiste nos espaços proporcionados pelas vivências na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) - Campus Malês, localizado na cidade de São Francisco do Conde-BA. A UNILAB, resultado da histórica luta do movimento negro brasileiro em convergência com o contexto de governo, onde se prezava pela promoção da cooperação internacional Sul-Sul, é implementada a partir da Lei 12.289, em 20 de Julho de 2010 (BRASIL, 2010) e tem suas atividades letivas iniciadas a partir do dia 25 de maio de 2011.¹

Diógenes e Aguiar (2013) lembram que, a proposta da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) procura garantir uma sintonia com as demandas do Brasil e das demais nações que integram a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP): Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste. Tais (as) autores (as) afirmam que, a UNILAB está comprometida com as ações acadêmicas e administrativas, englobando o contexto da contemporaneidade em busca de uma cooperação solidária, no sentido de promover o desenvolvimento regional e o intercâmbio cultural, científico e educacional da região e dos países de origem dos estudantes. [...]

Ademais,

[...] Os principais elementos que constituem a sua concepção da universidade são atuar em áreas estratégicas que permitam a produção de conhecimento e a formação de estudantes dos países de língua portuguesa comprometidos com o projeto de Cooperação Solidária Sul-Sul; promover mobilidade acadêmica, ampliando e potencializando o avanço do conhecimento e da cultura; incorporar as práticas docentes e acadêmicas a uma visão prática da realidade, coerente com os saberes formais, informais, científicos e tradicionais; desenvolver recursos que permitam a apropriação das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) em todas as atividades acadêmicas – ensino, pesquisa e extensão; e adotar princípios que assegurem uma estrutura acadêmica democrática e integradora das diversas áreas do conhecimento. (DIÓGENES e AGUIAR, idem, p. 12-13).

O Campus Malês, especificamente, teve seus trabalhos iniciados com os cursos à distância a partir de fevereiro de 2013 e logo após, no ano de 2014, há o início dos cursos presenciais. O Campus Malês², é o menor dos campi da UNILAB. Possui uma comunidade

¹ As atividades da UNILAB iniciam justamente no Dia 25/05 é o dia de homenagem e celebração ao continente africano

² Nome que homenageia a Revolta dos Malês, revolta de pretos e pretas contra a opressão escravista em 1835 na cidade de Salvador-BA.

acadêmica diversificada pois é constituída por pessoas de diferentes partes do Brasil, além de estudantes e professores estrangeiros. No que se refere ao quadro dos estudantes, a diversidade não se apresenta apenas no aspecto nacional mas também, étnico, de gênero, e regional.

Um estudante afro-brasileiro no Malês além de encontrar estudantes africanos se depara com estudantes afro-brasileiros de outras regiões do Brasil, tal como os estudantes africanos são naturais de vários contextos nos diferentes países africanos.³

O projeto da UNILAB como instituição, e o Malês enquanto campi e campo de entrecruzamento de trajetórias de estudantes, extrapola a simples importância da formação de um quadro discente “multicultural superficial”, pelo contrário, a confluência dos caminhos dessa juventude africana e afro-brasileira indica um contexto de trocas culturais, intelectuais, identitárias e políticas que promovem o antirracismo e a crítica ao eurocentrismo, tal como reiteram as conexões entre África e sua diáspora. Maria Lucia da Silva (2016) afirma:

O projeto UNILAB inova porque questiona modelo hegemônico de prática pedagógica que sustenta um saber centrado no homem branco, europeu, masculino, uma vez que esses conteúdos produzem uma desvalorização da identidade dos alunos (as) e professores (as) negros (as). Outro ponto importante deste projeto é que, sendo uma instituição de ensino superior de cunho científico e propositor de novas formas de saber, poderá questionar as práticas racistas da sociedade brasileira que ainda insistem em se apresentar como democracia racial. (SILVA, Maria Lucia, 2016, p. 164)

Desta forma, o presente projeto de pesquisa busca refletir não apenas novas metodologias e epistemologias de produção do conhecimento científico, mas principalmente, compreender como os estudantes afro-brasileiros e africanos interagem e refletem sobre as ações políticas no âmbito da reconstrução identitária do povo negro, tanto no Brasil como no continente africano, tendo como pressuposto que a juventude desta universidade têm maior engajamento político nas mudanças sociais dos países da CPLP, principalmente no que se refere aos efeitos prejudiciais que o colonialismo, a escravidão e o racismo produziram e produzem nesses territórios. Neste sentido, considera-se também como pressuposto que os jovens discentes do Malês transmitem suas culturas e saberes, como expressão que refletem os desafios de integração cultural, tal como, reafirmam o elo entre África e sua diáspora no Brasil.

³ O acordo internacional no âmbito da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) que assegura a transnacionalidade e intercontinentalidade da UNILAB foi assinado por todos os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) além do Brasil, Portugal e Timor Leste. No entanto, no Campus Malês não há estudantes destes dois últimos.

Este projeto se limita ao corpo discente da Unilab, campus dos Malês, em São Francisco do Conde- BA, onde há a presença de estudantes afro-brasileiros de diferentes regiões do Brasil tal como estudantes africanos oriundos dos países acima mencionados. A nossa intenção é tão somente privilegiar olhares cruzados, ou seja, oferecer uma análise mais contemporânea a partir do discursos de jovens universitários dos PALOPs e afro-brasileiros (as), no que tange às trocas políticas mediadas pela identidade negra/africana, pondo em debate uma variedade de questões para o entendimento mais holístico da experiência pós-colonial nos países africanos e a luta do Movimento Social Negro pós-abolição da escravatura, contra o racismo no contexto brasileiro.

2. PROBLEMATIZAÇÃO

A colonização da América se deu a partir do processo de expansionismo mercantilista, à época, das recém formadas nações europeias (pioneiramente Portugal e Espanha), e teve como seu alicerce econômico a escravização de pessoas negras africanas advindas forçosamente de várias partes de África. Este processo de migração forçada (tráfico escravagista ou negreiro) articulou diferentes continentes (Europa, América, África) sobre o domínio das potências européias. No caso do Brasil, o intelectual afro-brasileiro Abdias Nascimento atenta:

No Brasil, é a escravidão que define a qualidade, a extensão, e a intensidade da relação física e espiritual dos filhos de três continentes que lá se encontraram: confrontando um ao outro no esforço épico de edificar um novo país, com suas características próprias, tanto na composição étnica do seu povo quanto na especificidade do seu espírito - quer dizer, uma cultura e uma civilização com seu próprio ritmo e identidade. (NASCIMENTO, Abdias. 1978, p. 48)

E ainda:

O papel do negro escravo foi decisivo para os começos da história econômica de um país fundado, como era o caso do Brasil, sob o signo do parasitismo imperialista. Sem o escravo a estrutura econômica do país jamais teria existido. O africano escravizado construiu as fundações da nova sociedade com a nexão e a quebra da sua espinha dorsal, quando ao mesmo tempo seu trabalho significava a própria espinha dorsal daquela colônia. Ele plantou, alimentou e colheu a riqueza material do país para o desfrute exclusivo da aristocracia branca. (*Idem.* p. 49)

Nesta perspectiva, a experiência da primeira diáspora (africana) (LOPES, NEI. 2011) é marcada fundamentalmente pela escravização de pessoas negras, e o racismo que decorre do desenvolvimento histórico do Brasil que tem como base a exploração e anulação da população de origem africana. O racismo enquanto um fenômeno estrutural na sociedade brasileira se reproduz veementemente no âmbito das universidades, em termos concretos, isto significa que os espaços de produção de conhecimento acadêmico, além de forjarem impedimentos na ascensão de intelectuais negros e negras, é atravessado por um modelo de conhecimento que privilegia o que é ocidental, branco, masculino e europeu.⁴

Por outro lado, a colonização efetiva do continente africano pelas potências européias, a partir da Conferência de Berlim em 1885, fragmenta África em fronteiras delineadas pelos interesses políticos e econômicos das nações imperialistas.⁵ Portugal, por exemplo, submete os territórios de Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau e Cabo Verde até meados dos anos 70 do século XX. Com a descolonização há o surgimento de nações independentes, o que, conseqüentemente produz mudanças determinantes na gestão política de novos Estados, no entanto, mantém-se no plano internacional o lugar subalterno e dependente dos países africanos em relação aos países imperialistas. O neocolonialismo⁶, portanto, é vigente. Ainda permanecem as heranças do colonialismo na estrutura das sociedades africanas, a colonialidade incide sobre a organização do Estado, da economia, no modelo de universidades, língua oficial, etc, como afirma Maldonado-Torres (2003):

[...] Diferentemente disso, a colonialidade se refere a um padrão de poder que emergiu como resultado do colonialismo moderno, mas que em vez de estar limitado a uma relação formal de poder entre os povos ou nações, mais bem se refere à forma como o trabalho, o conhecimento, a autoridade e as relações intersubjetivas se articulam entre si, através do mercado capitalista mundial e da ideia de raça. Assim, pois, embora o colonialismo precede a colonialidade, a colonialidade sobrevive ao colonialismo. A mesma se mantém viva em manuais de aprendizagem, no critério para o bom trabalho acadêmico, na cultura, no senso comum, na auto-imagem dos

⁴ Ver "(QUIJANO, Anibal) em "A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas Latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, Coléccion Sur Sur. 2005 p. 227-278." ; Para a compreensão da formação histórica da Universidade no Brasil, ver (SILVA, Maria Lúcia da.) em "Memórias de Professores Negros e Negras na UNILAB: Tecendo Saberes e Práxis Antirracistas", cap. 1.

⁵ "Aquando da conhecida <<luta por África>>, os Europeus arrebatarem tudo o que julgavam que desse lucro em África, e conscientemente, adquiriram muitas regiões não para exploração imediata mas tendo em vista a exploração futura. Cada país europeus que tinha esses interesses a curto ou longo prazo passeou a sua bandeira nas diferentes regiões africanas e estabeleceu o domínio colonial." (RODNEY, WALTER. 1975 p. 195-196)

⁶ "A forma que o neocolonialismo apresenta hoje em África reveste-se de alguns destes traços. Actua encoberto, manobrando homens e governos, liberto do estigma da dominação política. Cria Estados-clientes, que são independentes no papel mas que, na realidade, continuam a ser dominados pela própria potência colonial que supostamente lhes deu a independência. É uma das «diversas espécies de países independentes que, no plano político, gozam de uma independência formal, mas que, de facto, estão encurralados na rede da dependência financeira e diplomática» (NKRUMAH, Kwame. 2011 p. 288)

povos, nas aspirações dos sujeitos, e em tantos outros aspectos da nossa experiência moderna. Neste sentido, respiramos a colonialidade na modernidade cotidianamente.” (Maldonad-Torres 2007: 243).⁷

Tal como no contexto da diáspora africana no Brasil onde o racismo se constitui na estrutura da sociedade, perpassando por todas as instâncias, inclusive as universidades, o contexto dos países africanos parceiros na UNILAB guarda o neocolonialismo que produz uma situação de dependência política, econômica que afeta diretamente o povo, e em ambos contextos, existe a colonialidade na produção de conhecimento acadêmico. Assim, este trabalho aponta como problemas, a prevalência do racismo e o neocolonialismo enquanto fenômenos que atingem as coletividades presentes na comunidade acadêmica do Malês, especificamente o quadro discente do campus, somada a perspectiva eurocêntrica na produção de conhecimento na formação acadêmica das universidades tradicionais brasileiras e africanas (Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe).

Diante desta realidade, propomos as seguintes perguntas de partida: Como, no cenário do Malês, a aproximação entre as identidades dos estudantes afro-brasileiros(as) e africanos (as) refletem na crítica ao eurocentrismo, ao racismo e neocolonialismo? Como as experiências identitárias decorrentes da interação entre africanos(as) e afro-brasileiros(as) reiteram a conexão entre África e diáspora? Como a troca de saberes entre os estudantes do Malês gera uma compreensão mais ampla das condições atuais de populações africanas e afrodiáspóricas⁸? Importa salientar que a pesquisa se restringe a entender as dinâmicas de trocas entre estudantes afro-brasileiros e africanos no contexto do Campus Malês, tendo em vista que o projeto da UNILAB, e especialmente o Malês, configura uma instituição singular dentre as instituições universitárias no Brasil pois valoriza iniciativas que se revelam em experiências práticas de enfrentamento à desigualdade social, de fortalecimento de ações políticas contra o racismo e, ainda, de implementação de ações pedagógicas na educação para a conscientização das relações étnicas e raciais.

⁷ Tradução livre.

⁸ “É importante especificar afrodiáspora conceitualmente. Por afrodiáspora se deve entender toda região fora do continente africano formada por povos africanos e seus descendentes, seja pela escravização entre os séculos XV e XIX, seja pelos processos migratórios do século XX. Ou seja, considerando a divisão do continente africano em cinco regiões - África Setentrional, África Ocidental, África Oriental, África Central e África Meridional -, podemos nomear aqui a reorganização em outros continentes como a sexta região, a afrodiáspora: a “África fora do continente”, sua cultura e história.” (NOGUEIRA, Renato. 2014, p. 40)

3. HIPÓTESES

A hipótese do trabalho presume que a aproximação interativa entre as identidades africana e afro-brasileira no ambiente do campus Malês-UNILAB se configura enquanto entrecruzamento das trajetórias de superação de contrariedades colocadas por sistemas de opressão presentes nas sociedades onde os estudantes são formados, tanto dos países africanos quanto do Brasil, o que, por sua vez, estimula trocas significativas decorrentes das experiências de opressão, promovendo críticas ao racismo, ao eurocentrismo e ao neocolonialismo. Assim, as trocas se configuram e põem a possibilidade de conscientização recíprocas sobre questões concernentes às culturas africanas e afro-diaspóricas, conseqüentemente, geram e renovam uma aproximação baseada nos laços identitários entre África-Diáspora, gerando uma percepção mais holística e atualizada da situação política, econômica e social das populações africanas e afro-diaspóricas.

4.OBJETIVOS

4.1 OBJETIVO GERAL

Compreender as dimensões de trocas políticas e identitárias que emergem da lógica interativa entre os estudantes afro-brasileiros (as) e africanos (as) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus Malês.

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar diversos níveis de trocas políticas, epistêmicas e culturais entre africanos (as) e afro-brasileiros (as), confirmando não somente os laços históricos, mas os desafios comuns entre África contemporânea e sua diáspora brasileira.
- Registrar as trocas de saberes entre os estudantes que promovem uma compreensão abrangente das condições políticas, sociais e econômicas das populações africanas e afro-diaspóricas.

- Examinar a lógica do racismo, eurocentrismo e neocolonialismo a partir do discurso dos (as) estudantes oriundos (as) de diversos contextos africanos e dos (as) afro-brasileiros (as) provindos (as) de diferentes estados do Brasil.

5. JUSTIFICATIVA

Conforme mencionamos anteriormente, o projeto da UNILAB, com as mudanças epistemológicas que propõe em divergência ao modelo de universidade pública tradicional, somado aos objetivos que pretende realizar como a interiorização das universidades públicas assim como, transnacionalização da universidade baseada em políticas externas que buscam cooperação com países do eixo Sul do mundo, constitui-se um espaço universitário público com características peculiares⁹.

A UNILAB, dotada de uma política de internacionalização e fundamentada nos princípios da troca e do apoio mútuo entre brasileiros (as) e africanos (as) -, cria um espaço de produção do conhecimento com relevância social fundamentada na cooperação internacional, interdisciplinaridade e diálogo intercultural¹⁰. Assim, acreditamos que os objetivos da Unilab apontam para uma direção e ações orientadas pela intencionalidade cultural, política e identitária dos que a integram – isto, por si só, justifica a realização deste projeto de investigação, buscando o caráter político emancipatório comum deste encontro de sujeitos oriundos de sociedades com um passado recente de colonização/neocolonialismo, assim como busca aferir as formas de mediações identitárias entre os estudantes que tendem redefinir as ações políticas em cada contexto.

A proposta da pesquisa se justifica por abordar as trocas sucedidas a partir do cotidiano num campus universitário que vive grandes desafios tanto dentro da estrutura da universidade quanto fora. Desafios quanto à infraestrutura, falta de recursos e falta de espaço¹¹ contudo que tem uma comunidade acadêmica que se empenha, mesmo com todas as

⁹ Ministério da Educação Universidade da Integração Internacional da Lusofonia AfroBrasileira (UNILAB) **Projeto pedagógico do Curso de Ciências da Natureza e Matemática – Licenciatura (Versão 4) Redenção/CE**, Julho de 2016. disponível em: http://www.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2017/12/PROJETO-POLITICO-PEDAG%C3%93GICO-CNeM_semestral.pdf. acesso realizado em 4 de outubro de 2018.

¹⁰ “Diálogo Intercultural” Ver (DUSSEL, Enrique. 2016, p. 63-64)

¹¹ Ex: Não se tem um prédio da Universidade, o que atualmente o Malês ocupa, é emprestado pela Prefeitura de São Francisco Conde. Ainda o referido prédio não contempla todos os estudantes do Campus, portanto, a Prefeitura de São Francisco do Conde empresta duas escolas da cidade no turno da noite para o Malês, e Restaurante Universitário e transportes que não contemplam todos(as) estudantes, biblioteca relativamente

dificuldades, a uma integração acadêmica e cultural que, minimamente, realiza um diálogo intercultural. Além disso, trata-se de uma proposta inédita, em termos acadêmicos, pois não há investigações que abordam as vivências dos estudantes na especificidade do campus Malês no cenário da UNILAB.

Além desta, este projeto se justifica por mais duas motivações, uma de teor político e outra, epistemológico. Tendo em vista que o Brasil enquanto nação guarda um histórico de escravização de pessoas negras no passado, e este mesmo Estado nunca interveio no sentido de reparar os imensuráveis prejuízos que esse processo gerou. O Malês-UNILAB, longe de ser um projeto que faça reparação total ao povo afrodescendente pela escravização de seus ancestrais e pelo racismo que no Brasil experienciam, se insere num *hall* de políticas afirmativas que objetivam minorar as desigualdades sociorraciais latentes. Portanto, a pesquisa se dará num campo que representa a concretização de uma política contra hegemônica. Por último mas não menos importante, Malês-UNILAB se distingue do funcionamento de universidades ditas tradicionais, justamente por haver o esforço da comunidade acadêmica de oferecer conteúdos programáticos que estejam na contramão do eurocentrismo exacerbado vigente nos institutos de ciências humanas espalhados pelo país, deste modo, a pesquisa, pode vir a se deparar, com discursos acadêmicos epistemologicamente inovadores no contexto do Brasil.

A pesquisa nasce a partir dos desafios, mesmo que sejam tão amplos, a comunidade acadêmica, todas os dias, os enfrentam. Diante de todas as contrariedades, o Malês-UNILAB, se mantém enquanto um espaço anti-hegemônico de produção de conhecimento, e geopoliticamente, representa a concretização de um projeto universitário calcado nas políticas de cooperação Sul-Sul. Neste sentido, este projeto se justifica em consistir numa proposta de investigação que tem como campo um espaço que surge da iniciativa de cooperação internacional Sul-Sul.

O histórico de relações externas do Brasil com países estrangeiros se alinhou em tecer acordos com nações do Eixo Norte do globo (América do Norte e Europa Ocidental), foi apenas quando, na mudança de governo no país para uma gestão dita mais progressista, que tal tendência foi alterada, assim, pesquisar no âmbito do Malês é também verificar, mesmo que indiretamente, os desafios que a implementação de uma política contra-hegemônica reserva. Nilma Lino Gomes e Sofia Lercher antecipam alguns objetivos, elas lembram que:

pequena tendo em vista o crescente número de estudantes no Campus. Pode-se assinalar também cada vez mais as bolsas de assistência estudantil e pesquisas estão limitadas além de orçamentos baixos para os Programas.

Nesse sentido, a UNILAB enfrenta cotidianamente o desafio de reconhecimento da diversidade e do trato ético e pedagógico dos sujeitos diversos e produtores de conhecimento. O desafio é o de se tornar, no contexto da cooperação internacional Sul-Sul, um centro de produção do conhecimento que realize um diálogo horizontal - e não menos tenso - entre culturas, valores e projetos de sociedade. E, além disso, o desafio de articular e ultrapassar o plano do local, para o global, do regional para o nacional, do nacional para o internacional e um só continente para o intercontinental. Um projeto político e acadêmico que vem sendo construído por gestores, docentes, discentes, corpo técnico-administrativo e comunidade. (GOMES, Nilma Lino; VIEIRA, Sofia Lercher. 2013, p. 93)

6. REFERENCIAL TEÓRICO

As circunstâncias em que se pretendem aferir as interações identitárias entre os estudantes no campus, requerem que algumas categorias sejam expostas e seus sentidos demonstrados. O conceito de “identidade”, por exemplo, é fundamental para compreendermos o conceito de “identidade negra”. Da mesma maneira, a problematização sobre a “identidade negra” nos encaminha para tentar entender a identidade africana pós-colonial, tendo em vista que a investigação tem como objeto um fenômeno protagonizado parcialmente por jovens africanos, que atualmente em seus contextos nacionais, ter uma identidade racializada pode ser algo considerado irrelevante¹² diferentemente do contexto da diáspora africana como nos Estados Unidos, Caribe e Brasil, etc.

Em primeiro lugar, a categoria “identidade” é providencial para a presente investigação. O conceito de identidade, historicamente, tem sido objeto de debates de algumas áreas do conhecimento tal como a filosofia, psicanálise, antropologia e a sociologia. O filósofo afro-brasileiro Muniz Sodré (1999) define “identidade” da seguinte maneira:

Dizer identidade humana é designar um complexo relacional que liga o sujeito a um quadro contínuo de referências, constituído pela interseção de sua história individual com a do grupo que vive. Cada sujeito singular é parte de uma continuidade histórico-social afetado pela integração num contexto global de integração num contexto global de carências (naturais, psicossociais) e de relações com outros, indivíduos, vivos e mortos. A identidade de alguém, de um “si mesmo” é sempre dada pelo reconhecimento de um “outro”, ou seja, a representação que o classifica socialmente. (SODRÉ, Muniz. 1999, p. 34)

¹² Isto não significa que uma identidade racializada nunca existiu no contexto africano tampouco que o racismo não existe nos países africanos. Pelo contrário, uma identidade racial existiu em oposição ao racismo colonial português como irá ser abordado mais à frente, no entanto, nas sociedades africanas contemporâneas, o racismo apresenta uma ação sub-reptícia que tenciona o povo a acreditar que não existe mais racismo, principalmente os países colonizados por Portugal que desde de Salazar, implementou sistematicamente a ideologia lusotropicalista.

Esta perspectiva conceitual corrobora com o entendimento de Clifford Geertz (2008), que defende que o conceito de cultura consiste numa “teia de significados”, o quadro contínuo de referências que Sodré menciona, trata-se dos símbolos construídos culturalmente pelos grupos humanos. Portanto, refletir sobre identidade humana é necessariamente refletir sobre identidades culturais. Neste sentido, Munanga (2012) baseando-se em Cheikh Anta Diop, lembra que:

a identidade cultural de qualquer povo corresponde idealmente à presença simultânea de três componentes: o histórico, o linguístico e o psicológico. No entanto, o fator histórico parece o mais importante, na medida em que constitui o cimento que une os elementos diversos de um povo, através do sentimento de continuidade vivido pelo conjunto da coletividade. (MUNANGA, Kabengele, 2012. p. 53-54)

Neste ponto, pode-se questionar: Qual é a relação entre identidade cultural e identidade negra/negritude no contexto do continente africano e sua diáspora? No sequestro de populações africanas e sua conseqüente escravização no Brasil, os portugueses implantaram um meticuloso projeto de alienação cultural dos africanos(as) escravizados(as). A escravização significava trabalho forçado decorrente de uma constante inferiorização dos corpos africanos (racismo) quanto a supressão das culturas africanas (aculturação). Abdias Nascimento (1978) lembra que:

Não é exagero afirmar-se que desde os inícios da colonização, as culturas africanas, chegadas nos navios negreiros, foram mantidas num verdadeiro estado de sítio. Há um indiscutível caráter mais ou menos violento nas formas, às vezes sutis, da agressão espiritual a que era submetida a população africana, a começar pelo batismo ao qual o escravo estava sujeito nos portos africanos de embarque ou nos portos brasileiros de desembarque. (NASCIMENTO, Abdias. 1978 p. 101)

No Brasil, desde que os primeiros africanos a pisaram em terra, eles já estavam sujeitos à aculturação¹³. A escravidão, que era o regime que direciona os africanos para seus destinos de espoliação, perpetuava a violência física e simbólica contra os mesmos e suas práticas culturais, por isso, historicamente, as forças policiais e militares do Estado Brasileiro até o final do século XX perseguiram as religiões de matriz africana, por exemplo.¹⁴

A escravidão, como já destacado na Introdução, esteve na base da formação econômica, social e política do país. O Brasil, último país do mundo a abolir a escravidão, mantém um modelo societário no qual as heranças do escravismo português estão no

¹³ “Aculturação”, ver (LOPES, Nei. 2011)

¹⁴ Ver capítulo “A persistência perseguição à cultura africana” em (NASCIMENTO, Abdias. 1978)

sustentáculo da mentalidade das elites brasileiras. É certo que a mentalidade da elite passa por mudanças ao longo do tempo, por exemplo, no final do século XIX, a elite brasileira operava nos termos do racismo científico, acreditava-se que a população negra era inferior biologicamente e representava o atraso civilizacional. Daí, a elite brasileira implementa um projeto de embranquecimento da nação que incentiva a vinda milhões de europeus pois ela acreditava, fundamentada numa ideologia de miscigenação generalizada entre homens brancos e mulheres negras e indígenas, que supostamente o fator biológico e cultural negro da nação desapareceria progressivamente.¹⁵

Ao passo que nos fins do século XIX a elite brasileira entusiasticamente defendia o fim da população negra a partir da assimilação biológica, na primeira parte do século XX, a elite colonial portuguesa, baseada nos empreendimentos “científicos” da Antropologia Física da Escola do Porto, que tem Mendes Corrêa como expoente, implementa um sistema colonial que se fundamenta na inferioridade negra e condena a miscigenação cultural e biológica.

Para defender a integridade racial dos portugueses, Mendes Corrêa deitou mão dos métodos empregues pelos raciólogos brasileiros Oliveira Viana e Roquette Pinto na investigação da mestiçagem (CORRÊA, 1926: 12-ss; CORRÊA, 1935c: 386), bem como dos utilizados pelo teórico da «limpeza racial» Eugen Fischer (CORRÊA, 1926: 12; CORRÊA, 1935b: 333). Mas essa mesma unidade rática e cultural do povo português postulada por Mendes Corrêa foi também utilizada como argumento contra a mistura de raças, que ele considerava ser um dos «factores degenerativos» que poderiam conduzir à idiotia e à demência mental (CORRÊA, 1940b: 13). Por este motivo, a mistura de raças deveria ser globalmente rejeitada e os mestiços deveriam ser impedidos de alcançar posições políticas de liderança (CORRÊA, 1940c: 23) (PEREIRA, Rui M. 2005)

Na passagem destacada acima do trabalho de (PEREIRA, Rui M. 2005) se pode observar o que a Escola de Antropologia Física de Porto postulava enquanto ideologia colonial, mas também é possível observar que as elites portuguesas e luso-brasileiras tiveram uma troca política significativa, e tais trocas infligem até mesmo sobre a “mudança” de paradigmas no discurso e na prática colonial sobre as culturas africanas. A partir dos anos 30 do século XX, o discurso racial das elites brasileiras se modifica, se antes a pretensão era o apagamento biológico e cultural do negro através do embranquecimento da nação, com a obra “Casa Grande e Senzala” de Gilberto Freyre, o fator negro e indígena é supostamente “valorizado” e as teorias eugenistas perdem relevância, por outro lado, a ideologia da miscigenação freyriana defende que as relações raciais no Brasil são harmoniosas (democracia racial) e escamoteia que no pano de fundo da miscigenação, permanecia a

¹⁵ Ver (MUNANGA, Kabengele. 1999.)

pretensão de anulação do contingente populacional negro através da assimilação biológica e cultural.

O sucesso da implementação do discurso da democracia racial freyreano pelas elites brasileiras com o fim de neutralizar as movimentações políticas dos grupos subalternizados racialmente leva A. Salazar¹⁶, a partir dos meados dos anos 50 do século passado, a contratar Gilberto Freyre para divulgação da ideologia do luso-tropicalismo nas colônias portuguesas¹⁷. Nascimento (1978) detrata o caráter ardiloso da dominação colonial portuguesa nos países africanos:

A consciência do mundo guarda bem viva a lembrança do colonialista Portugal encobrendo sua natureza racista e espoliadora através de estratégias como a designação de "Províncias de Ultramar" para Angola, Moçambique e Guiné-Bissau; como as leis do chamado indigenato, proscrevendo, entre outras indignidades, a assimilação das populações africanas à cultura e identidade portuguesas. Essa rabulice colonizadora pretendia imprimir o selo de legalidade, benevolência e generosidade civilizadora à sua atuação no território africano. Porém todas essas e outras dissimulações oficiais não dissimularam a realidade, que consistia no saque de terras e povos, e na repressão e negação de suas culturas -ambos sustentados e realizados, não pelo artifício jurídico, mais sim pela força militar imperialista. (NASCIMENTO, Abdias. 1978, p. 50)

Diante dessas considerações de caráter histórico, se por um lado as bases da dominação colonial e escravista no Brasil e nos países africanos de língua oficial portuguesa carrega similaridades e em alguns casos equivalências. Por outro lado, a resistência política e cultural das populações africanas no Brasil e nos PALOPs carregam suas semelhanças e continuidades apesar das especificidades. Portanto, se a negritude é “historicamente, sem dúvida, uma reação racial negra a uma agressão racial branca” (MUNANGA, Kabengele. 1990, p. 110), podemos enquadrá-la enquanto fenômeno de resistência política à alienação cultural. Neste sentido, a “negritude” se reproduz desde da República dos Palmares no Nordeste brasileiro, até, por exemplo, a resistência dos *Imbangala-Jaga* à penetração dos colonizadores portugueses na África Austral.

Da mesma forma, pode-se localizar a “Negritude” enquanto movimento artístico, político e cultural de africanos em Paris que dissemina a questão da retomada dos valores africanos para grande parte do mundo, infligindo, sem dúvidas, no Brasil e também nos países africanos de língua portuguesa. Portanto, este breve levantamento histórico sobre as articulações entre o colonialismo luso-brasileiro e a posterior colonização portuguesa no

¹⁶ António de Oliveira Salazar, chefe do Estado português de 1932 a 1968

¹⁷ “luso-tropicalismo”; ver capítulo I de (CASTELO, Cláudia. 2011)

continente africano tal como a dimensão da resistência cultural africana em ambos contextos visa elucidar as formações históricas das identidades que se apresentam no Campus Malês.

Finalmente, no quadro do debate mais contemporâneo sobre “identidade cultural”, tem-se o intelectual jamaicano Stuart Hall (1992) que busca se afastar de definições ‘essencialistas’ e ‘fundamentalistas’ sobre a identidade cultural, ele explica que as identidades culturais estão em estado de transição constante, os cruzamentos culturais têm se multiplicado devido ao mundo globalizado em que contemporaneamente tais identidades se assentam. Ele adverte: “Pode ser tentador pensar na identidade, na era da globalização, como estando destinada a acabar num lugar ou noutro: ou retornando a suas “raízes” ou desaparecendo através da assimilação e da homogeneização. Mas esse pode ser um falso dilema.” (HALL, Stuart. 1992. p 52)

O autor demonstra que o processo de hibridização no qual as identidades estão sujeitas a constantes processos de sincretização, não extingue às identidades culturais, pelo contrário, elas se reinventam, criando novas identidades. Portanto, o autor defende que a identidade não é uma entidade imutável e estática, pelo contrário, a identidade está sujeita a mudanças significativas pela interação das diferentes culturas que se integram ou se chocam. No caso das culturas diaspóricas, de populações dispersas de suas terras natais, o autor as denomina culturais híbridas, isto porque, elas guardam elementos de suas culturas originais, no entanto, vivem em negociação com o contexto cultural que se localizam. As culturas híbridas estão numa posição intermediárias entre culturas, “Elas estão irrevogavelmente traduzidas” (HALL, Stuart, 1992, p. 52).

As *traduções* significa que essas identidades culturais são “obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades” (*idem*, p 52). O conceito “dupla consciência” articulado pelo afro-americano W.E.B Du Bois (1999) e utilizado pelo historiador britânico Paul Gilroy (1993) identifica a ambiguidade identitária em que os negros (as) se encontram no contexto da diáspora africana. Deste modo, Gilroy e Hall se aproximam analiticamente. Em contrapartida, os autores que se inscrevem numa perspectiva afrocêntrica tendem a interpretar a “dupla consciência” de Gilroy usada em “Atlântico Negro” enquanto uma análise pós-moderna que oculta um processo de descentramento que os africanos(as) são submetidos pelo histórico de alienação cultural somado a opressão racializada. (CHRISTIAN, Mark. 2009)

Os autores afrocêntricos apresentam uma visão sobre a identidade africana em que a unidade entre os negros é um elemento fundamental, no entanto, divergindo-se de seus detratores, não se trata de negar a diversidade cultural/identitária em suas análises

(CHRISTIAN, Mark. 2009, p. 159) trata-se de ressaltar os aspectos comuns entre os povos de ascendência africana, tendo em vista que partilham uma experiência de opressão racializada e colonial.

Os autores com perspectivas “pós-modernas” (GILROY, Paul. 1993. HALL, Stuart 1992. APPIAH, Anthony 1992) privilegiam o “hibridismo” entre as culturas não-africanas e africanas como marco analítico de suas teorias, por outro lado, tem-se os autores afrocêntricos que denunciam o processo de alienação e buscam priorizar os termos culturais africanos como alicerce de suas produções. (CHRISTIAN, Mark. 2009; ASANTE, Molefi K. 1999; ANI, Marimba 1994). Para os objetivos do presente projeto, pretende-se aproximar as contribuições das duas perspectivas divergentes, se por um lado, os autores pós-modernos trazem informações valiosas sobre os impactos da globalização nas identidades diaspóricas, os autores afrocêntricos destacam as semelhanças entre as identidades e a necessidade de unidade dos negros contra o sistema de opressão racial transnacional que aflige as populações africanas espalhadas pelo globo, inclusive no Malês-UNILAB.

7. METODOLOGIA

Para atingir os objetivos da presente proposta de investigação será necessários se apropriar das técnicas metodológicas qualitativas. O objeto pesquisado se trata de um fenômeno que parece se estabelecer a partir de duas partes (encontro entre africanos e afro-brasileiros), mas na realidade, o fenômeno pode se estabelecer a partir de múltiplas faces tendo em vista que os estudantes africanos apresentam diversas identidades, nacionais, étnicas, de gênero, de classe, e afins, tal como os estudantes afro-brasileiros também guardam grandes diferenças. O que se apresenta enquanto desafio metodológico é aferir a dimensão política da construção das identidades que se integram, se conflituam no Campus Malês. Torna-se central que se utilize um caminho metodológico que foque nas trajetórias dos protagonistas do fenômeno no Malês, assim, objetivando compreender que pontos das vivências individuais que se relacionam com a consciência política nacional ou racial. A entrevista semi-estruturada assegura algumas vantagens.

As técnicas de entrevista aberta e semi-estruturada também têm como vantagem a sua elasticidade quanto à duração, permitindo uma cobertura mais profunda sobre determinados assuntos. Além disso, a interação entre o entrevistador e o entrevistado favorece as respostas espontâneas. Elas também são possibilitadoras de uma abertura e proximidade maior entre entrevistador e entrevistado, o que permite ao

entrevistador tocar em assuntos mais complexos e delicados, ou seja, quanto menos estruturada a entrevista maior será o favorecimento de uma troca mais afetiva entre as duas partes. Desse modo, estes tipos de entrevista colaboram muito na investigação dos aspectos afetivos e valorativos dos informantes que determinam significados pessoais de suas atitudes e comportamentos. As respostas espontâneas dos entrevistados e a maior liberdade que estes têm podem fazer surgir questões inesperadas ao entrevistador que poderão ser de grande utilidade em sua pesquisa. (QUARESMA; BONI, 2005, p. 75)

Além disso, é através deste caminho que se buscará entender as trocas que ocorrem entre os estudantes no sentido acadêmico, cultural e político. Importante ressaltar que as entrevistas serão realizadas com um grupo delimitados de alunos, sendo cinco africanos e cinco afro-brasileiros. Pleiteia-se executar essas entrevistas com um aluno de Moçambique, um de Cabo Verde, um de São tomé e Príncipe, um de Guiné-Bissau e um de Angola, ao passo que os estudantes afro-brasileiros seguirá a mesma lógica no sentido de múltiplas origens, então, será um estudante do Sudeste/Sul, três do Nordeste (um natural do próprio estado da Bahia, outros dois oriundos de outros estados nordestinos), e um do Centro-Oeste do país. Para aferir as interações entre as diferentes identidades será realizada um grupo focal, tendo em vista que esse método , como afirma Bonfim, baseando-se em Kitzinger, :

o grupo focal é uma forma de entrevistas com grupos, baseada na comunicação e na interação. Seu principal objetivo é reunir informações detalhadas sobre um tópico específico (sugerido por um pesquisador, coordenador ou moderador do grupo) a partir de um grupo de participantes selecionados. Ele busca colher informações que possam proporcionar a compreensão de percepções, crenças, atitudes sobre um tema, produto ou serviços. (BONFIM, 2009. p. 780)

Acreditamos que este método viabiliza que se faça perguntas que suscite a participação do grupo para dialogar sobre os questionamentos, as percepções, as prós e os contras diante das experiências interativas entre os diferentes grupos de pessoas, o grupo será constituído por cinco estudantes africanos, cinco afro-brasileiro independente de nacionalidade e regionalidade.

Para concluir, o último método que se pretende usar nesta investigação é a pesquisa documental. Tendo em vista que está nos objetivos verificar as possíveis críticas ao racismo, eurocentrismo e neocolonialismo que os estudantes do Malês produzem, no âmbito de suas produções dentro da academia, portanto, a análise do banco de TCCs na biblioteca do Malês pode servir de orientação para ponderar as produções dos estudantes no que se refere às críticas ao racismo, o eurocentrismo e neocolonialismo.

A análise dos trabalhos monográficos dos estudantes insere na perspectiva de imprimir uma reflexão abrangente, mais aprofundada e atualizada, por meio deles buscamos

REFERÊNCIAS

ANI, Marimba. **Yurugu: an African-centered critique of European cultural thought and behavior.** Trenton: Africa World Press. 1994

ASANTE, Molefi Kete. **The Painful demise of Eurocentrism: an Afrocentric response to critics.** Trenton, NJ: Africa World Press, 1999

APPIAH, Anthony Kwame. **Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura.** Contraponto. 1997. Rio de Janeiro.

BOMFIM, Leny A. **Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisa de saúde.** *In:* Physis Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 19 [3]: 777-796, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/physis/2009.v19n3/777-796/pt>. Acesso em: 10/2018

BONI, Valdete. QUARESMA, Sílvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais.** *In:* Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80 .

BRASIL. Lei nº 12.289 de 20 de junho de 2011. Cria a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, com natureza jurídica de autarquia, vinculada ao Ministério da Educação, com sede e foro na cidade de Redenção, Estado do Ceará. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12289.htm > Acesso em: Agosto de 2018.

DIÓGENES, Camila Gomes. AGUIAR, José Reginaldo. (orgs). UNILAB: **Caminhos e Desafios Acadêmicos da Cooperação Sul-Sul / Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.** Redenção, Ceará. 2013. Disponível em: <<http://www.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2013/07/LIVRO-UNILAB-5-ANOS-2.pdf> > Acesso em: Agosto de 2018.

CASTELO, Cláudia. **O Modo Português de Estar no Mundo.** 2º ed. Editora Afrontamento. 2011 - Porto, Portugal.

CHRISTIAN, Mark. **Conexões da Diáspora Africana: Uma resposta aos críticos da Afrocentricidade.** *In:* Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora, LARKIN, Elisa Nascimento. (org). Selo Negro, 2009. São Paulo.

ENRIQUE, Dussel. **Transmodernidade e Interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação.** 2016. *In:* Revista Sociedade e Estado, volume 31, p. 51-72.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** 1º ed. Rio de Janeiro: LTC. 2008.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade.** Lamparina, 2015 - Rio de Janeiro.

GILROY, Paul. **The Black Atlantic: modernity and double consciousness.** Verso, 1993- Londres.

GOMES, Nilma Lino. VIEIRA, Sofia Lercher. **Construindo uma ponte Brasil-África: a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).** *In* Revista Lusófona de Educação, 24, 2013

LOPES, Nei. **Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana** – 4º ed. rev, atual e ampl. São Paulo: Selo Negro, 2011

MALDONADO-TORRES, N., 2003, ‘**Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto**’, in “Teoría crítica y descolonización” na Universidade Duke e na Universidade de Carolina do Norte, Chapel Hill, em 30 de maio de 2004.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: identidade negra vs identidade nacional.** Ed. Vozes, 1999 -Petrópolis- RJ.

_____. **Negritude Afro-Brasileira: Perspectivas e Dificuldades.** *In:* Revista de Antropologia, volume 33. p. 110-117. 1990

_____. **Negritude- Usos e Sentidos.** 3º ed - Autêntica Editora. Belo Horizonte, 2012.

MUNIZ, Sodrê. **Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil.** Editora. Vozes, 1999 -Petrópolis- RJ.

NASCIMENTO, Abdias. **O Genocídio do Negro Brasileiro: um processo de racismo mascarado.** 1978, Ed. Paz e Terra - Rio de Janeiro.

NKRUMAH, Kwame. **O neocolonialismo em África.** *In:* Malhas que os Impérios Tecem: textos anticoloniais contextos pós-coloniais. Manuela Ribeiro Sanches (org). 2011 - Lisboa

NOGUEIRA, Renato. **O ensino de Filosofia e a lei 10.639. 2014.** 1- ed Pallas: Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

PEREIRA, Rui. M. Raça, Sangue, Robustez. **Os paradigmas da Antropologia Física colonial portuguesa.** *In:* Cadernos de Estudos Africanos. (7/8) p. 211-241. 2005.

QUIJANO, Aníbal. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas Latino-americanas.** Buenos Aires: CLACSO, Coléccion Sur Sur. 2005.

RODNEY, Walter. **Como a Europa Subdesenvolveu a África.** 1975 - Bogle - L’ouverture publications - Lisboa.

SILVA, Maria Lúcia da. **Memórias dos Professores Negros e Negras da UNILAB: tecendo saberes e práxis antirracistas.** Tese (doutorado) da Universidade Nove de Julho. 2016 - São Paulo.

W.E.B Du Bois. **As Almas da Gente Negra.** Lacerda Ed. 1999. Rio de Janeiro.